

A vontade de Deus para a vida humana na Terra

“O primeiro filho dos dois primeiros pais do gênero humano foi Caim, pertencente à cidade dos homens, e o segundo, Abel, participante da Cidade de Deus. Em cada homem comprovamos a veracidade das seguintes palavras do apóstolo: Não é primeiro o espiritual, e, sim, o carnal; depois, o espiritual. Donde se segue que cada qual, por descender de tronco condenado, necessariamente primeiro é mau e carnal e depois será bom e espiritual, se, renascendo em Cristo, adiantar na virtude.” – Agostinho, A Cidade de Deus

Agostinho, um dos pais da Igreja, registrou em sua *obra master* uma das mais belas alegorias já dirigidas à Igreja: a Cidade de Deus e a Cidade dos Homens. Diz o teólogo que a Cidade de Deus é destinada a reinar com Deus e a Cidade dos Homens está destinada a padecer com o Diabo. Seguindo-se à analogia das cidades – ou sociedades --, o santo passa a falar sobre os homens que habitam cada uma dessas cidades, os cristãos naquela que é destinada ao alto e os ímpio na que é de baixo. Tal analogia que pode ser encontrada mais especificamente no capítulo I do Livro XV da obra aqui citada, compõe um verdadeiro tratado sobre a origem e o destino da vida humana, tema que nos é introduzido filosoficamente no gênesis cristão (ou bíblico) e antropológicamente na história dos patriarcas (Gn 11:10ss). Esse tema importante para o estudo teológico vai muito além de curiosidade cristã, responde antes ao enunciado mais importante a nós, seres humanos, uma vez que nos informa como, quando e para quê fomos criados assim como quando e para onde estamos indo. Sendo todos nós peregrinos nessa Terra (*cf. I Pe*) é mais que importante, vital saber origem e destino de nossa curta temporada por essas paragens.

O primeiro relato histórico que temos sobre partida e chegada de um cristão se encontra em Gênesis 12, na história de Abraão. Justifico essa leitura que à primeira vista parece errada. **Primeiro relato histórico** pois apesar de antes do capítulo citado termos outros registros de chegada e partida, como quando vemos Adão chegar do pó e partir para diante do Jardim do Éden, ou Caim chegar de Eva e partir errante sobre a Terra, ou Noé que veio de uma profecia de benção e levou a humanidade a um novo mundo... foi em Abraão o primeiro registro histórico humano, um alguém que iniciou uma jornada pessoal que não se perde no tempo mas é listada de Ur dos Caldeus até Davi, de Davi a Cristo (Mt 1) e até o fim dos tempos. **De um cristão** pois a vida de Abraão é o antítipo da vida do cristão, que é peregrino (Sl 119:19), que não segue os próprios planos mas os de Deus e que dá tudo ao Pai em obediência. A vida de Abraão é um modelo de compreensão da vida cristã sem igual nas Escrituras pois é longamente registrada em pormenores, com a vida do patriarca do povo de Deus aprendemos sobre chamado, obediência, convivência, serviço, recompensa e legado.

Abraão foi chamado para abençoar todos os povos da Terra (Gn 12:3), essa verdade é ignorada por todos aqueles que acreditam que Deus focou no povo hebreu como povo escolhido e que isso implicava na não amplitude da ação divina para com outros povos. YHWH era conhecido na Terra independente da vida de Abraão, essa realidade é expressa com clareza no relato da guerra dos quatro reis (Gn 14), mais precisamente quando Abraão reúne seus homens e resgata seu sobrinho Ló, que havia sido levado prisioneiro por Codorlaomor. Diz o Gênesis que o rei de Salém, Melquisedec, traz pão e vinho para Abraão pois era “sacerdote do Deus Altíssimo”, temos a primeira Santa Ceia servida ao cristão, que após agir para a glória de Deus toma parte em seu corpo e seu sangue.

Deus dá a Abraão a promessa de que terá um filho, o patriarca espera por toda sua vida o cumprimento da promessa e, após se tornar velho cede a um pedido de sua esposa Sara e tenta fazer cumprir por si mesmo a promessa. Um erro, claro, porém um erro que não apenas contou

com a misericórdia de Deus como também ensinou a toda a humanidade que jamais devemos tentar fazer o que cabe apenas ao Pai. Abraão sugere a Deus que cumpra sua promessa em Ismael, uma vez que o garoto já era crescido e não seria "errado" cumprir a promessa por meio daquele que era filho legítimo do patriarca, porém a essa sugestão YHWH responde "o farei crescer extremamente, mas minha aliança eu a estabelecerei com Isaías" (17:20).

No capítulo 18 do livro que conta a história dos patriarcas, Abraão vê três anjos se aproximarem de sua casa, pelo caminho, não assiste unicamente a passagem, antes sabe que é ele servo do Deus Altíssimo e se dirige aos anjos pedindo que se detenham em sua casa por um tempo. Essa cena nos mostra que Abraão já chegava perto dos 100 anos (em um tempo em que os homens viviam cerca de 200 anos), e mesmo assim vivia sua vida em obediência a Deus e esperando por suas promessas, sabedor de que o que Deus verdadeiramente tem para seus filhos não está na Cidade dos Homens, mas na do alto (Hb 11:10). Diz o autor da carta aos Hebreus

Todos estes morreram na fé, sem terem recebido as promessas; mas vendo-as de longe, foram persuadidos a respeito delas, e abraçaram-nas, e confessaram que eram estrangeiros e peregrinos na terra.

Muito se fala sobre Sara ter rido ao ouvir a promessa de que teria um filho, ou de que Abraão duvidou e teve um filho com Agar, pouco porém se fala de que o fracasso para com esta vida é a garantia do cristão, e que inclusive não é o receber ainda nessa Terra que marca o sucesso da vida cristã, mas o ter os olhos focados no alto, como diz o apóstolo Paulo:

E, na verdade, tenho também por perda todas as coisas, pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; pelo qual sofri a perda de todas estas coisas e as considero como esterco, para que possa ganhar a Cristo, e seja achado nele, não tendo a minha própria justiça que vem da lei, mas a que vem pela fé de Cristo, a justiça que vem de Deus, pela fé.

Para conhecê-lo, e o poder da sua ressurreição, e a participação em seus sofrimentos, sendo feito conforme à sua morte; para ver se, de alguma maneira, eu possa chegar à ressurreição dos mortos. Não que já a tenha alcançado ou que seja perfeito; mas prossigo para alcançar aquilo para o que fui também alcançado por Cristo Jesus.

Irmãos, não julgo que o haja alcançado; mas uma coisa faço, e é que, esquecendo-me das coisas que atrás ficam e avançando para as coisas que estão diante de mim, prossigo para o alvo, pelo prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus. – Fp 3

Não por outro motivo Deus ignorou simplesmente qualquer punição a Sara por ter rido, antes apenas reafirmou "sim, tu riste". Ou ainda puniu Abraão por ter engravidado Agar, antes abençoou Ismael e fez dele um grande povo. Diferente porém agiu com a mulher de Ló, que ao fugir da Cidade dos Homens para a Cidade de Deus se arrependeu, e por isso Deus lhe concedeu a pena de habitar eternamente aquela sociedade estéril. Deus não espera de nós vitória nessa Terra e muito menos trabalha por isso, a ideia deturpada que uma vida de vitória é vivida aqui não é bíblica e muito menos santa! Histórias de sucesso terreal dentre os seguidores de Cristo é artigo raro, e não tem o menor valor uma vez que os êxitos terrenos não são inspiradores para quem conhece os tesouros ajuntados no céu. O cristão que se inspira ao ouvir histórias de sucesso financeiro ainda não comprehendeu a Cidade de Deus, é um típico habitante das planícies, assim como Ló (13:12).

A história de Abraão se completa em seu mais famoso episódio, a cena do sacrifício de Isaías. Quando Deus ordena a Abraão oferecer Isaías em sacrifício, o patriarca já não mais tem dúvidas de que o obedecer é melhor que o sacrificar, ajunta a lenha, traz o fogo e chama o sacrifício para junto de si. Assim como o próprio Pai, ou melhor, o Pai assim como Abraão, coloca seu filho

sobre o madeiro a caminho do altar. “É Deus quem proverá o cordeiro para o holocausto”, diz Gn 22:8. Abraão é o exemplo humano máximo da compreensão do que é a Cidade de Deus e a Cidade dos Homens, a vida do próprio filho não é algo valioso por demais pois não podemos matar a carne e condenar a alma, Cristo tem poder sobre ambos.

O que vemos em nossos dias é não a supervalorização do que é terreal, mas consciência apenas quanto ao que é terreal. Não é que os crentes desvalorizem o que é do alto, é que eles não acreditam que exista algo lá! O desconhecimento quanto ao que é celestial é uma peste que se alastrou na Igreja, lugar onde é comum ver a realização de missas e orações em memória daqueles que se foram, e onde se pode constatar a total destruição espiritual e psicológica por parte daqueles que ficaram. Não convém que seja assim entre o povo de Deus, pois somos nós os espirituais, sabedores do que está além da carne.

João Calvino escreveu um belo sermão intitulado “Selados para o serviço”, parte de uma série chamada *Cânticos da Natividade* onde podem ser encontrados diversos sermões, todos sobre o capítulo 1 e 2 do Evangelho de São Lucas. Nessa inspirada mensagem, o pastor nos rememora da importância da vida de oração, sendo a comunicação entre os filhos e o Pai Celestial o estilo de vida indicado por Cristo para sua igreja. “Deus não quer que sejamos hesitantes ou tomados pela dúvida quando o invocarmos”, diz o teólogo comentando o Cântico de Zacarias (Lc 1:74-76). Sua mensagem fala sobre a certeza de salvação e dedicação da vida em santidade e justiça, bases da Lei (Moisés).

Já o escritor inglês C. S. Lewis, em seu clássico *Cristianismo puro e simples* (cap. X), nos lembra que ser cristão é muito mais do que ser uma boa pessoa: “aqueles que se colocam em suas mãos vão se tornar perfeitos, assim como ele é perfeito”. Essa promessa se cumpre plenamente apenas após a morte – que inclusive é um processo inevitável da vida cristã --, mas tem a vida cristã o sentido próprio de caminhar, ou “crescer até a estatura de varão perfeito” como diria o apóstolo em Ef 4.

Ambos os pregadores, Calvino e Lewis, caminhavam a jornada cristã e dedicaram suas vidas a rememorarem os passos dos patriarcas, passos esses que nos mostram que todos caminhavam para um lugar que pode até ser desconhecido, mas cuja trilha indica inequivocavelmente para o alto.

Fernando Melo
Brasília, 19 de maio de 2021.